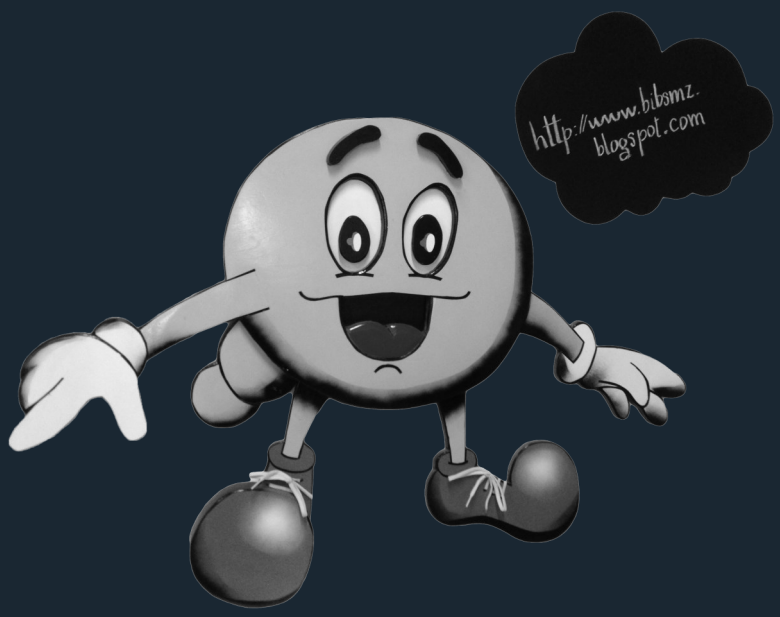
REPÚBLICA PORTUGUESA | EDUCAÇÃO

agrupamento de escolas do sudeste de baião

O CORRUPIO DA ESCRITA

IV



Projeto NORTE 08-5266 - FSE - 000029 cofinanciado por
NORTE2020 PORTUGAL 2020 UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

FICHA TÉCNICA

O corrupio da escrita
IV

Edição
2016/2017

Autoria e revisão dos textos
Alunos e professores do A.E. do Sudeste de Baião

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DO SUDESTE DE BAIÃO
Rua da Escola n.º 116
4640-462 Santa Marinha do Zêzere - Baião
Tel.: 254 880 350
Fax: 254 881 000

Nesta edição:

A VIDA DOS LÁPIS	4
TEATRO	5
A CHAVE	6
CAVALO DE PAU	7
PÁGINA DE UM DIÁRIO	8
ANSEIOS	10
PARECER OU SER	12
O ASSADOR NA VILA	14

A VIDA DOS LÁPIS

Ao ver a imagem ao lado, pensei na «vida» de um lápis.

Os lápis dão para escrever cartas, que é um costume que já se vai perdendo.

Muitas vezes emprestamo-los aos colegas e nunca mais os tornamos a ver. Andam sempre na nossa mochila, andam de autocarro e de carro. Por vezes, estamos com eles num sítio e esquecemo-nos deles ora em cima de um computador ora em cima da mesa da sala ou da cozinha e as nossas mães gritam logo connosco: «Mariana, deixaste aqui o lápis! Depois não me venhas pedir outro! És uma cabeça no ar, rapariga! Vê se ganhas tino!»

Os lápis são capazes de escrever em línguas muito diferentes. Os meus, por exemplo, escrevem em português, francês e inglês… Podem escrever números…, podemos pintar com eles… e dão para rabiscar histórias fascinantes que nos levam pelo sonho e pela ilusão.

Os lápis são usados para desenhar e, quando temos jeito, como o professor Armando, parece que ganham vida e são capazes de reproduzir o mundo com muita precisão.

Muitas das vezes, servem para medir, quando não temos régua, por exemplo, e os carpinteiros até gostam de os usar nas orelhas, como uma espécie de *piercing*, só que sem as furar.

Enfim, os lápis servem para muitas mais coisas e, por isso, devias ter sempre um lápis bem afiado à mão de semear. Nunca se sabe quando irás precisar dele.

Mariana Passos, 8.º C

Teatro é uma arte despertada naqueles que procuram enxergar além das fronteiras da realidade, além do próprio ser e existir." Ace Jack

O teatro, no meu ponto de vista, é um refúgio para algumas pessoas que não se conseguem expressar no mundo real, tudo é aceite sem limitações de imaginação.

Tal como diz Ace Jack, o "teatro é uma arte despertada naqueles que procuram enxergar além das fronteiras da realidade" porque assistir a uma peça de teatro não é fantástico, fantástico é conseguir sentir a sua essência, conseguir ver para lá do "assistido", conseguir entender o que cada personagem quer transmitir através das suas falas, movimentos e características.

O teatro é único, algo que se sente e não se explica!

Todas as pessoas deveriam experimentar fazer um pouco de teatro, pois ele é um 'vício' especial e bom, pois basta prestar atenção a pequeninas coisas que a magia acontece… acontece mesmo!

Ana Silva, 9ºA (aluna do Clube de Teatro EPAKCENA do Agrupamento)

Estava muito desesperado em encontrar a chave porque era a única coisa que abria a gaveta secreta que continha os seus bens mais preciosos...

Não teve outra hipótese senão dizer isso à sua mulher, o que foi difícil, visto que ela era muito histérica. Mas nada a deixava mais zangada do que as perdas das coisas do seu homem.

É claro que ela lhe disse logo para ir procurar a chave verde, e o rei assim fez. Saiu do castelo e foi com o seu cavalo até à casa de Ambrósio, o seu melhor amigo e também um grande génio. Para surpresa do rei, Ambrósio sabia quem tinha roubado a chave. Fora Cilofos, um duque com uma estranha inveja da mulher do rei. O problema é que Cilofos morava na Sanfonilândia, que ficava a 90 km do castelo. Não teve opção. Teve de ir à Sanfonilândia recuperar a chave.

Pelo caminho encontrou uma bruxa velha e má que o tentava convencer a voltar para casa. Mas o rei não foi. E continuou o seu caminho. Uns quilómetros depois, encontrou os seus irmãos e ofereceu-se para os levar também. Já estavam muito cansados e o irmão mais novo disse que tinha a cara a arder. Mas lá acabaram por chegar à terra de Cilofos.

O castelo era cinzento e velho. Cheirava a bolor e estava cheio de teias de aranha. O duque era pobre e o rei teve pena dele, por isso convidou-o para um evento especial em troca da chave.

O duque não pensou duas vezes, devolveu a chave e foi ao evento.

Chegaram ao castelo muito cansados. Mas valeu bem a pena.

João Nunes

Nº 10

6º C

CAVALO DE PAU

Cavalo

Cavalinho

Estás tão sozinho.

Cavalo ,cavalete

Que sobe como um foguete.

Cavalo grande,

Cavalo pequeno

Cavalinho

Que come o feno!

Cavalo de pano,

Cavalo de pau

Vou ao prado

Dizer-lhe chau!

Estás tão bonito, ó cavalinho,

Deixa-me montar um bocadito.

Cavalo de brincar,

Cavalo p´ra saltar

E porque não voar?

Cavalo p´ra correr

É o que eu gostava de ter!

Ó cavalinho tão lindo,

Pareces mesmo fofinho.

És de pelúcia cavalinho?

Ou estás só a brincar comigo?

Brinca, brinca meu cavalinho,

Porque Já não estás sozinho.

Cavalo, cavalinho

Cavalo, cavalete

Vamos juntos para a festa

Tocar clarinete!

Jl de Viariz

19 de julho de 2016

Querido diário,

Hoje, voltámos a casa. Tínhamos passado três dias maravilhosos. Como todos os alunos da nossa idade, fomos fazer a nossa viagem de finalistas. Ficámos numa acolhedora casa de praia e connosco estavam os diretores de cada turma do décimo segundo ano.

Apesar de ter fingido estar feliz, não me sentia dessa forma. Era muito provavelmente uma das últimas vezes em que estaríamos todos juntos a divertir-nos. Acho que isso me deixou deprimido e eles repararam. Perguntaram o que se passava, mas eu menti e disse que não era nada!

Ontem, a Sofia decidiu que devíamos ir à praia uma última vez. Fomos lá com o nosso diretor de turma e brincámos no mar. Ele tirou-nos uma fotografia a chapinhar na água, com o esplendor do sol a pôr-se atrás de nós. Depois da foto, vimo-lo até ao seu final, quando escureceu e o dia terminou. Ironicamente,

um dos últimos dias que passámos juntos, antes de irmos trabalhar ou para a universidade, foi uma metáfora perfeita para o que, para mim, foi o fim de uma amizade.

Sabes, acho que não vou lidar bem com a saudade! Continuo a ver o Tomás a fazer-nos rir a bandeiras despregadas, a Isabel a ordenar que estudássemos para sermos alguém, a Sofia a distrair-me completamente, a Francisca, armada em psicóloga, a ajudar-nos com os nossos problemas existenciais, e o Miguel sempre pronto a defender-nos, nem que tivesse de se acusar para que nós não sofrêssemos as consequências das nossas brincadeiras parvas. Pelo menos tive o prazer de os conhecer! Isso faz com que valha a pena ter de dizer adeus e bem sei que, assim como eu nunca os esquecerei, eles também não me esquecerão. Aliás, foram eles que me deram este caderno que uso para escrever e desabafar.

Hoje tomei uma decisão! Está na hora de virar a página, uma nova vida me espera e, por isso, não mais te usarei para confidências. Ajudaste-me muito, bem sei! Obrigado, querido diário.

Marco, 8.ºB

Num dia soalheiro em Nova Iorque. Os personagens estão sentados num banco de jardim, no Central Park. Há passarinhos a voar, patinhos a passear e crianças a brincar.

Manuel– Temos que conversar seriamente sobre nós dois.

Maria *(preocupada)* – Está bem, mas passa-se alguma coisa? Fiz algo de errado?

Manuel– Não! Não é nada contigo! Sou só eu, eu é que sinto necessidade de ter esta conversa contigo.

Maria– Estás a assustar-me, diz-me logo de uma vez o que se passa.

Manuel– Não sei como te dizer isto… *(leva as mãos à cabeça e suspira)*

Maria– Diz logo! Desembucha! (*já um pouco irritada com a situação)*

Manuel– Desculpa…

Maria *(com um ar irritado e com as lágrimas nos olhos)* – O que é que fizeste, Manuel? *(começa a bater-lhe até que este se deita ao chão)*

Manuel *(põe-se de joelhos)* – Desculpa não ser o melhor namorado do mundo, desculpa se te fiz chorar algum dia, desculpa pelos momentos que não estive presente quando mais precisavas…

Maria *(confusa)* – Levanta-te! Porque é que estás a pedir desculpa agora? Estás parvo ou quê?

Manuel *(num ato de coragem)* – Sim, estou parvo! Por isso é que acho que devíamos acabar…

Maria *(não deixando o companheiro terminar. Com ar de choro)* – Que tipo de drogas andas a consumir? Porque é que vamos acabar? Fizeste asneira! Eu sabia! Odeio-te!

Manuel *(rindo-se)* – Espera, não me deixaste acabar! Quero acabar o namoro para começar uma vida contigo.

Maria *(incrédula)* – O quê?

Manuel *(tirando um anel do bolso)* – Queres casar comigo? Amo-te…, és a mulher da minha vida e quero passar o resto da minha vida ao teu lado.

Maria– Sim! Sim! Claro que sim! Meu idiota, assustaste-me a valer! Pensei em coisas terríveis! Amo-te, amo-te, amo-te.

Inês Vieira, 8.º C

PARECER OU SER

João era um menino muito educado e bem comportado. Andava no oitavo ano, na Escola de São Sebastião.

Um dia, mudou de escola e arranjou novos colegas. Para ele, era como se estivesse a começar do zero. No primeiro dia de aulas, na sua nova escola, João quis cumprimentá-los.

– Olá a todos, eu chamo-me João – disse, timidamente.

No intervalo, João foi ter com os seus novos colegas.

– Olá, o que estão a fazer? – interrogou o João.

– Estamos a ver o Carlos – responderam de imediato.

João ficou quieto sem saberem porque estavam a olhar para o Carlos. Começou a ouvir o que conversavam.

– Malta, viram aquele gesto? – perguntou Pedro.

– Sim, agora é que parecia mesmo – disse a Maria.

– Parecia o quê? – perguntou o João.

– Parecia "coiso"? Não se vê logo? – responderam em simultâneo.

– "Coiso"? – perguntou o João?

– Pronto, preferes *gay* ou homossexual? – perguntou o Pedro.

– Vocês pensam que o Carlos é *gay*? – Interrogou o João.

– Sim, já viste o jeitinho com que ele anda e se mexe. É mesmo à *gay* – responderam.

– Mas o parecer não significa que o seja – disse João irritado.

No dia seguinte, João foi falar com o Carlos e contou-lhe o sucedido:

– Olha lá, a malta pensa que tu és *gay*.

– Sabes, eles são uns idiotas. Já me disseram que tinha um jeitinho

– Se não és, vai dizer-lhes.

– João, obrigada pelo conselho, mas eu não tenho de lhes provar nada. Eu não sou *gay.* Tenho uma namorada e gosto muito dela. O que eles pensam de mim, não interessa. Devem gostar de mim pelo que sou e não pelo que pareço.

No entanto, Carlos apercebeu-se de que tinha de acabar com aquele zun-zum e, na primeira oportunidade, desfilou com a namorada, por sinal muito linda, em frente aos colegas de escola que ficaram roídos de inveja.

Pedro Cleto, n.º 18, 9.ºA

O ASSADOR NA VILA

Sexta-feira, onze de novembro, em Santa Marinha do Zêzere era apenas mais um dia frio e a prometer chuva, daqueles que nos deixam ansiosos por que a jornada termine para nos juntarmos, no aconchego de uma lareira, ao velho sofá, puído de longas horas de leitura e repouso. Além disso, estava à porta mais um almejado fim de semana. No entanto, nesse dia, um sururu inusitado fez com os mais expeditos se aproximassem rapidamente do portão da entrada da escola para tentarem perceber o que se estava a passar.

É curiosa esta toponímia, pois sendo o Zêzere o segundo maior rio inteiramente português, logo a seguir ao Mondego, não se trata aqui desse nobre curso de água cuja nascente fica situada na Serra da Estrela, mas sim de uma singela ribeira, de sua graça ribeira do Zêzere que, não tendo a dimensão daquele, conserva o estatuto de afluente de um dos maiores rios nacionais. Juntamente com o orago de Santa Marinha dão o nome à vila, estatuto conferido a vinte de junho de 1991.

De volta à escola, deparamo-nos com o prestimoso senhor Cerqueira esforçando-se por impedir que os garotos se acercassem da razão do burburinho: um assador de castanhas.

Nunca tal se vira por aquelas bandas e o único fumo que era habitual ver-se no exterior dos portões era o que saía dos hauridos cigarros daqueles que não resistiam ao impregnado mau hábito. Nesse dia, porém, o fumo proveniente do assador impunha-se com o seu aroma inebriante de castanhas assadas.

Todos queriam chegar-se à curiosa tricicleta e admirar tão nobre arte, já quase extinta e, quem sabe, sobrando alguns cêntimos, inicialmente destinados às gomas e às pastilhas, adquirir um daqueles inventivos cones – produzidos a partir de páginas de listas telefónicas ou de velhas revistas ostentando voluptuosas mulheres seminuas – com meia dezena de quentes e boas castanhas. No entanto, diligentes, o senhor Cerqueira e o colega Evaristo, que chegara entretanto, impediam quaisquer veleidades por parte dos petizes ou dos mais exaltados, designadamente os geneticamente vocacionados para as destrezas belicosas e que nem sempre

acatam pacatamente as orientações superiores.

Afortunadamente, o telefone da portaria soou com boas novas oriundas da Direção: os alunos teriam autorização para se abeirarem do assador desde que não se afastassem em demasia dos portões e sempre sob a supervisão dos assistentes operacionais.

Um frémito perpassou pelos alunos que, de imediato, se dispuseram a acatar as disposições.

O vendedor, natural de Avezudes, de mãos estremadas pela aspereza dos labores e de rosto sulcado pelas encorricas da vetustez, e cujas cãs deixavam adivinhar a sua já provecta idade, sorriu intimamente na perspetiva de algum lucro inesperado. Homem só, sem família conhecida nas redondezas, habituado a sobreviver à conta de muito engenho e constante palmilhar de lugares, aldeias e vila, em busca do ganha-pão diário que o havia sustentado ao longo das últimas décadas, descobrira, há anos, esta maneira de resistir à morte durante os rijos dias de outono. Graças a uma habilidade inata e à generosidade dos locais, concebera o assador a partir de um velho fogareiro adaptado a uma bicicleta encontrada, ao acaso, abandonada numa lixeira em Meta, um lugar próximo de Gestaçô, e que carrega no nome a ironia do achado.

As nuvens, todavia, já vinham carregando um negrume dos lados de Torna-o-Rego e os alunos atropelavam-se para chegar ao inusual veículo.

Martinho, cuja paralisia cerebral diplégica espástica o prendia, desde a nascença, a uma cadeira de rodas, sentia que não teria menor possibilidade de chegar perto sequer, quanto mais obter uma castanha como nunca houvera visto: gordíssima, envolta num misterioso pó branco e com um "sorriso dourado" que lhe recordava os mais belos tesouros das histórias que escutara nas aulas de educação especial. Aguardava, pois, retendo as lágrimas, junto das colegas Joana, Jéssica, Mariana e Maria João. Para grande infelicidade sua e para gáudio do vendedor de castanhas, o negócio fazia-se lentamente. E embora houvesse uma grande quantidade de castanhas já assadas, o elevado número de pedidos demorava a entrega das castanhas aos ávidos compradores.

Subitamente, e sem aviso prévio, a procela desabou sobre bufarinheiro e freguesia e foi num fósforo que a rapaziada, numa correria desenfreada, se ciscou para o interior da escola. O próprio vendedor teve de pedir que o deixassem abrigar-se sob a portaria para que não ficasse ensopado até aos ossos.

Martinho viu que aquela era a sua única oportunidade e, não obstante o dilúvio, conduziu a cadeira o melhor que conseguiu para junto do vendedor que, emocionado com a intrepidez do rapaz, despiu o senecto casaco e o colocou sobre a cabeça de Martinho, abrigando-o da borrasca. Nesse instante, como que por milagre, o sol reapareceu misteriosa mas radiosamente e o brasido, quase extinto, reavivou e as castanhas tornaram a "sorrir" gloriosamente. Radiante, Martinho pôde não só provar o tão desejado fruto como também, graças à nobreza de caráter do vendedor, fortalecida com aquele inusitado «verão», levar castanhas para toda a sua família e amigas.

C. Guerreiro

agrupamento
de escolas
do sudeste
de baião

O projeto **CORRUPIO DA ESCRITA** completa, com esta edição, o **quarto ano** desde o seu aparecimento e complementa a AÇÃO 2 do Eixo 1 - APOIO À **MELHORIA** DAS APRENDIZAGENS - do Plano de Melhoria do Agrupamento de Escolas do **Sudeste de Baião**, em Santa Marinha do Zêzere.

Este projeto - que visa promover competências de **escrita** dos **alunos** dos 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade - é alargado, na realidade, **a todos** aqueles que gostam e desejam melhorar ou divulgar competências nesta área.